









	<i>Felis, clamat</i> die Katz mauzet.	nau nau
	<i>Auriga, clamat</i> der Fuhrmann/ruffet	óóó
	<i>Pullus pipit.</i> das Küchlein pipet.	pi pi
	<i>Cuculus cuculat.</i> der Kukuck kuckert.	kukuk
	<i>Canis ringitur.</i> der Hund marret.	err
	<i>Serpens sibilat.</i> die Schlange zischet.	si
	<i>Graculus, clamat</i> der Heßer/schreyet	taetae
	<i>Buboululat.</i> die Eule uhuhet.	úú
	<i>Lepus vagit.</i> der Hase quäcket.	vá
	<i>Rana coaxat.</i> der Frosch quacket.	coax
	<i>Asinus rudit.</i> der Esel hgact.)))
	<i>Tabanus, dicit</i> die Breme summet.	ds ds

DIDÁSKOMAI

Revista
de
Investigaciones
sobre la Enseñanza

Nº 2 (2011)

ÍNDICE



EDITORIAL 1

Artículos:

EVALUACIONES ESTANDARIZADAS DE LOS APRENDIZAJES ESCOLARES: ¿QUÉ TEORÍA(S) DE LA ENSEÑANZA (IN)HABILITAN? Nicolás Alonso Rodríguez 5

INCLINACIÓN DIDÁCTICA DE LOS DOCENTES DE EDUCACIÓN MEDIA SUPERIOR Y SUPERIOR EN EL ÁMBITO DE LA WEB 2.0. EL CASO DE LA UNIVERSIDAD VIRTUAL DEL ESTADO DE GUANAJUATO. Víctor del Carmen Avendaño Porras y María Mercedes Chao González 27

EDUCACIÓN SUPERIOR BRASILEÑA: TRAYECTORIA CORTA Y CAMINOS INCIERTOS. Jamile Cristina Ajub Bridi y Carmen Célia Barradas Correia Bastos 43

A LÍNGUA MATERNA E DEPOIS. Maria Fausta C. Pereira de Castro 63

VAZ FERREIRA Y EL "EXCESO DE PEDAGOGÍA". Limber Santos 77

Notas de investigación:


REFLEXIONES EN TORNO A LA ENSEÑANZA. NOTAS MÍNIMAS. Eloísa Bordoli 93

LA PERCEPCIÓN ESTUDIANTIL SOBRE EL CENTRO UNIVERSITARIO DE LA REGIÓN ESTE. Pilar Rodríguez, Analía Correa y Alejandra Clara Núñez 107

Reseñas:

FERNANDEZ CARABALLO, ANA MARÍA y RAUMAR RODRIGUEZ GIMÉNEZ (2011) EVOCAR LA FALTA. LA ANGUSTIA Y EL DESEO DEL ENSEÑANTE. MONTEVIDEO: PSICOLIBROS WASLALA. Gonzalo Percovich 117

BEHARES, LUIS E. (2011) ENSEÑANZA Y PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO. LA NOCIÓN DE ENSEÑANZA EN LAS POLÍTICAS UNIVERSITARIAS URUGUAYAS. MONTEVIDEO: DEPARTAMENTO DE PUBLICACIONES DE LA UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. Cecilia Seré 120

 **Departamento de Enseñanza y Aprendizaje.**
Instituto de Educación
Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación.
Universidad de la República



A LÍNGUA MATERNA E DEPOIS

Maria Fausta C. Pereira de Castro¹

Resumo

A “melhor das línguas”, segundo expressão de Courtine, requer que se diga por que ela não cabe em um lote comum de línguas. O traço que a caracteriza é a constituição de um sujeito falante: uma trajetória na aquisição de linguagem que não se repete. Nesse sentido, tomo a língua materna como inesquecível. A partir dessa hipótese pretendo tratar aqui um dos seus corolários: em certas situações pode-se supor que a língua materna seja constituída por materialidades lingüísticas diversas, provenientes de mais de uma língua. Não se trata de uma hipótese sobre o bilingüismo, mas de uma experiência atravessada por línguas, etnias ou culturas diversas. O que sujeito sabe delas nem sempre coincide com o reconhecimento deste saber. Por isso a assunção, aparentemente paradoxal, de que a língua materna é inesquecível, mesmo quando não a reconhecemos na superfície da fala.

Finalmente, através de uma leitura do romance autobiográfico de Elias Canetti “A língua absolvida. História de uma juventude” - pretendo ainda explorar os possíveis efeitos sobre o falante quando a língua materna é posta entre línguas. Questões que nos levam a pensar sobre o comparecimento do infantil no funcionamento lingüístico do adulto. “Profecias *a posteriori*” sobre uma fala entre línguas.

Palavras-chave: língua materna, aquisição de linguagem, sujeito falante.

THE MOTHER TONGUE AND AFTER

Abstract

Being “the best of the languages”, in Courtine’s words, the mother-tongue requires telling why it does not fit a common lot of languages. Indeed, its characterizing feature is to bring a speaking subject into being, a trajectory in language acquisition which is not possible to be repeated. In this sense I assume that the mother tongue is unforgettable. Upon such hypothesis, it is my intention to discuss here one of its corollaries, i.e., that it is possible to argue for the mother tongue to be made by different linguistic materialities coming from more than one language. This is not a hypothesis on bilingualism, but an experience across languages, ethnic groups and cultures. What is known of those languages by the speaker does not always

1. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem (GPAL). Departamento de Linguística; Instituto de Estudos da Linguagem; UNICAMP, Campinas, Brasil.

coincide with his/her awareness of such knowledge. Therefore, the apparently paradoxical assumption on the mother tongue being unforgettable seems to hold, even when we cannot recognize it in the surface of speech. Finally, a reading of Elias Canetti's autobiographic novel *The tongue set free* aims to explore further the effects on the speaker when the mother tongue is placed among other languages. Those are questions which make us think on the emergence of the infantile in the adult's linguistic functioning. "Prophecies *a posteriori*" related to speech in between languages.

Keywords: mother tongue, language acquisition, speaking subject.

1- Sobre o tema

O título deste trabalho diz um pouco do seu ponto de partida: ele toma a língua materna como uma experiência única, que extrai seu traço singular do fato de operar a mudança do *infans* em sujeito falante; uma trajetória na aquisição de linguagem que não se repete. Uma primeira versão oral deste artigo² foi apresentada como participação em um debate mais amplo com outros colegas, em um simpósio que coordenei em 2009, na Universidade Católica de São Paulo.

Por outro lado, o título do simpósio, "A língua materna entre línguas", carrega equivocidade e pode tanto indicar uma relação entre a língua materna e línguas outras, como o fato de sua constituição se dar na confluência de línguas ou materialidades lingüísticas diversas. Nesse segundo caso, o sujeito falante seria o produto de um atravessamento de línguas ou de fragmentos delas; sem que para isso se deva lhe atribuir um conhecimento nos termos de um conceito como o de bilingüismo. O que o sujeito sabe nem sempre coincide com o reconhecimento desse saber.

Essas duas possibilidades de leitura obrigam a que se pense a língua materna fora do lugar comum a que habitualmente é reduzida: o lugar em uma série, como primeira língua.

Para Jean Claude Milner (1978) a língua materna guarda um traço de incomensurabilidade que a impede de ser incluída em uma lista de línguas. Ela é qualquer língua, como todas de certo modo o são, mas para um determinado sujeito falante ela é língua materna. Se por ela o sujeito se faz falante, não é menos verdade que só ele lhe confere o estatuto de língua materna.

2. O texto permaneceu inédito até esta versão que agora apresento à *DIDÁSKOMAI*.

A singularidade da língua materna na constituição de um falante se torna evidente quando comparada ao estatuto do indo-europeu. Entre a primeira e esse último exclui-se necessariamente a presença de um falante.

Ao procurar entender “os ecos fônicos” observados de língua a língua, principalmente entre o grego e o latim, os gramáticos elaboraram o conceito de indo-europeu; “uma comunidade de origens”, que explicaria as semelhanças fônicas entre as línguas. Milner não deixa de observar a estranheza do conceito de indo-europeu: ao mesmo tempo ele é uma língua, comparável a qualquer outra, mas que nunca será “atestada como falada por sujeitos”. Por essa razão qualquer traço observável de uma língua só pode ser interpretável como elemento de uma “língua-efeito”, a “língua-causa procurada, continuando a se velar”. Nesse sentido não se pode considerar o indo-europeu como uma língua morta, à semelhança do latim, por exemplo, que não é mais falado, mas que ainda assim não deixa de estar ligado a sujeitos que o falaram um dia e dos quais foi um dia sua língua materna. “[...] o indo-europeu, quanto a ele, nunca se poderá supor que esteja na posição de ser língua materna de sujeitos, mesmo que desaparecidos” (Milner, 1978, p. 106-107, minha tradução).

É também a constituição do falante que está na base da “teoria da infância” tal como formulada pelo filósofo Giorgio Agamben (2008), a partir da reflexão de Benveniste (1966) sobre a dupla significância da linguagem, isto é, “o semiótico e semântico”, dicotomia por que o autor atribui ao primeiro termo uma propriedade da língua e ao segundo as instâncias da enunciação e do discurso. Esse é o ponto para Agamben introduzir a trajetória do homem para se tornar falante: na medida em que o homem tem uma infância, na medida em que “não é sempre já falante, o homem não pode entrar na língua como sistema de signos sem transformá-la radicalmente, sem constituí-la como discurso”. Ele deve se expropriar da infância para se constituir como sujeito da linguagem e nessa trajetória romper o mundo fechado do signo “e transformar a pura língua em discurso humano”, o semiótico em semântico (Agamben, 2008, p. 67-68).

As considerações sobre a infância exigem que a aquisição da linguagem seja posta em questão e é nesse sentido, ao incluí-la, que se pode dizer que a língua materna é uma experiência inaugural, impossível de ser esquecida; mesmo quando a julgamos perdida, mesmo se não a reconhecemos na superfície da fala. Essa afirmação diz respeito à questão da posição do sujeito falante, que não volta mais àquela do *infans*, daquele que ainda não fala, de um estado zero no processo de aquisição de linguagem.

A criança recebe a língua pela fala do outro, mas ao mesmo tempo em que é incorporada, essa fala, ao circular pelo discurso, é também fragmentada, articulada em arranjos insólitos, dando a ver o caminho singular da criança ao ser “capturada” (De Lemos, 2002) pela linguagem; pelo funcionamento da língua, que antecede o *infans* na cultura e a ele se impõe como um “tesouro” que se deposita pela prática da fala (Saussure, 2008).

2- O sujeito falante e suas representações da língua materna

A história da relação do falante com sua língua materna - ou com aquelas que o tornaram falante - não escapa das representações que ele se faz sobre sua aquisição ou sobre os enlaçamentos que se dão no encontro com outras línguas; os ecos que umas e outras promovem entre si. Questões que interrogam as formas de comparecimento do infantil no funcionamento lingüístico do adulto. “Profecias *a posteriori*”, nas palavras de Mehler, Argentieri e Canestri (1994), psicanalistas, e a primeira marcada pelo convívio com quatro línguas ao longo do seu processo de aquisição de linguagem³.

Em trabalho anterior (Pereira de Castro, 2006) procurei mostrar, a partir do depoimento de um jovem adulto de origem vietnamita, mas nascido em Paris, como ele desconheceu durante anos o que sabia da língua falada entre seus pais e entre eles e a avó paterna. Esse era também o domínio dos “temas tabus”, ou o que ele vivia como o segredo dos pais, a que não tinha acesso.

Caracous – esse é o seu nome - sempre se imaginou conhecendo do vietnamita apenas palavras isoladas, como palavrões e outras poucas usadas com a namorada; até que foi obrigado a acompanhar a avó no hospital em que estava internada. Gravemente doente e sem conseguir mais falar em francês a senhora só se dirigia às pessoas em vietnamita e, nesse momento, diante da situação incontornável, Caracous se pôs a falar o vietnamita e descobre que a língua vivia nele: “eu sei que o vietnamita está em mim” (*apud* Kristeva, 1995)⁴. Palavras de reconhecimento tardio de uma língua que teceu com o francês, e a desconhecimento do próprio falante, a sua língua materna.

3. Os autores explicam porque a psicanálise recorre freqüentemente a essas profecias. A expressão é usada para se referir aos casos de “polilingüismo e poliglotismos” de adultos, o que obriga freqüentemente o analista a “olhar para trás”. Vêm-se aí os ecos da reflexão de Freud sobre o conceito de infantil.

4. Depoimento colhido por Anne Diaktine e registrado no artigo de Kristeva citado acima.

Os movimentos migratórios são geralmente o pano de fundo das experiências lingüísticas vividas por aqueles que se deslocam entre línguas e países. Melman (1992) discute as inúmeras incidências subjetivas dessas mudanças. Limito-me aqui a um momento em que o psicanalista confronta duas posições subjetivas do falante, do ponto de vista da psicanálise – no *heim*⁵ da língua materna e como falante de uma “língua estrangeira” (Melman, 1992, pp.32-33).

Com efeito, quero mostrar-lhes que a língua materna é aquela na qual, para aquele que fala, a mãe foi interditada. É importante fixar que é o objeto interditado o que torna uma língua materna para nós, fazendo dela o nosso *heim*. É verdade que a língua deve sua significância a este mesmo interdito. A partir daí, graças a seu jogo poético, mas também aos lapsos, deslizos e tropeços que o falante nela introduz, se dá a escutar aos locutores um desejo que lhes é comum (já que é a mesma mãe) e que é sempre desejo de uma coisa diferente do que a língua pode oferecer, uma vez que esta outra coisa está interditada apesar de ter causado o desejo (Melman, 1992, p. 32).

No contexto dessa formulação Melman desenvolve uma hipótese sobre as posições do falante: quando ele está na sua língua materna e quando fala uma língua estrangeira. No primeiro caso o recalçamento desse desejo interditado constituiria um “estoque de unidades significativas inconscientes” e seu retorno na fala se mostraria através de lapsos, tropeços, deslizamentos, que traem “a presença deste desejo e o dá a escutar”. Por outro lado, se falo uma língua estrangeira, o retorno dos meus significantes “não poderá mais se dar a escutar como expressão de um desejo, mas como erro lexical ou sintático, mesmo ao meu próprio ouvido” (Melman, 1992, pp. 32-33). É, pois, em torno da escuta do outro e daquela do próprio falante que se definem para Melman as posições do sujeito na relação com sua língua materna e com a língua estrangeira. Na primeira posição o sujeito é falado pela língua e, na segunda, a sua relação com a língua estrangeira se dá por conhecimento. “Conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece” (Melman, 1992, p.15).

5. Ver abaixo a citação deste termo pelo autor. *Heim* significa o íntimo e familiar e no contexto em que ocorre faz referência ao *unheimlich* freudiano (o estranhamente familiar).

A partir daí, para o autor, o falante não fala mais do mesmo lugar, ele se comunica.

A dicotomia proposta por Melman não deixa de ser afetada por fatos que apontam para a necessidade de se interrogar, em certas circunstâncias, a língua materna como o nosso *heim*, como se pode concluir da obra de muitos escritores. Beckett, por exemplo, tendo emigrado para a França, passou a escrever em francês. Entretanto, depois da morte da mãe, com quem, segundo Mehler et. al (1994), mantinha um relacionamento atormentado, traduziu sua obra para o inglês, sua língua materna.

O próprio Melman observa que se pode vir a falar uma língua estrangeira com mais facilidade do que sua própria língua, como uma espécie de triunfo sobre a barreira da significância e, a partir daí, “tudo pode ser dito” por esse locutor sobre quem não pesou a interdição e o recalque. Por outro lado, como é possível observar com frequência, o falante pode se mostrar refratário à aprendizagem de uma língua estrangeira “por causa da despersonalização que ela implica. Pode-se mesmo mudar de neurose passando de uma língua para outra” (Melman, 1992, p.33).

É também sob o pano de fundo das migrações que se desenvolve o livro de Maria Onice Payer (2006), que traz complexidade ao quadro de discussão sobre o tema, oferecendo ao leitor uma reflexão sobre um fenômeno mais restrito, a saber, o processo de nacionalização sofrido por imigrantes italianos no Brasil dos anos 30. Momento em que o Estado atua diretamente na prática lingüística deste grupo através da interdição⁶ da sua língua materna, isto é, dos diversos dialetos italianos.

Qual o destino da língua interdita? Melhor seria reformular a questão para nela incluir o falante, pois é nele que a contradição se mostra viva: os traços de memória de sua língua encontram-se até hoje presentes na estrutura do português que ele fala, embora marcados pela imagem da língua interdita.

Através do conceito de memória discursiva Payer desenvolve uma análise fina do desnivelamento que atua entre a memória constitutiva, que expõe as fraturas lingüísticas do falante - fragmentos do italiano no português - e a memória representada, aquela que toma os traços lingüísticos advindos dos imigrantes como fato do passado (os falantes entrevistados desconheciam esses traços, atribuindo-os aos velhos). Desse modo o sujeito e a sociedade, diz a autora, se produzem como outros em relação a si mesmos, o que promove

6. Trata-se aqui de uma interdição política, por decreto, diferente portanto da interdição tal como definida por Melman, no quadro teórico da psicanálise.

efeitos singulares na relação do sujeito falante com a língua ou as línguas que o constituem como tal.

Trago aqui alguns aspectos da obra de Elias Canetti, autor que incessantemente refletiu sobre sua condição de falante multilíngüe. Os idiomas pelos quais Elias Canetti transitava eram: ladino, búlgaro, inglês e alemão, cada um ocupando um lugar particular em sua vida. Esses fatos foram também comentados por Heller-Roazen (2010), que acompanho em parte neste trabalho.

Canetti entretém com sua(s) língua(s) materna(s) uma relação de obstinada análise, sobretudo através do primeiro volume do seu romance autobiográfico⁷. Nascido na Bulgária, lá vive até os seis anos de idade, quando a família se muda para a Inglaterra. Nos tempos da Bulgária a língua da família era o ladino, língua herdada do espanhol medieval e falada pela comunidade de judeus sefarditas da Península Ibérica. Ao mesmo tempo duas outras línguas estão presentes na vida da criança. De um lado, o alemão – língua falada apenas entre seus pais – e o búlgaro, que ele falava com as empregadas e o povo em geral. Cito o autor:

As meninas camponesas que ficavam lá em nossa casa só falavam búlgaro, e com certeza foi com elas, principalmente, que eu o aprendi. Mas como jamais frequentei uma escola búlgara, e abandonei Ruschuk com seis anos, em breve o esqueci completamente. Todos os acontecimentos daqueles primeiros anos se desenrolaram em ladino ou búlgaro (Canetti, 1989, pp. 19) ⁸.

Quanto ao uso do alemão como língua de expressão, é preciso dizer que seus pais a utilizavam para sua comunicação. Eles se conheceram e se apaixonaram em Viena e o alemão passa a ser um código secreto a que os filhos não tinham acesso.

Escutava com total intensidade e então lhes perguntava o que isso ou aquilo queria dizer [...] Eles riam, dizendo que era cedo demais para mim; aquelas eram coisas que só mais tarde entenderia. [...] Pensava que estavam falando de coisas maravilhosas que apenas poderiam

7. Trata-se de uma trilogia autobiográfica.

8. As citações do autor se farão, ao longo da discussão, a partir do livro do próprio Canetti, edição brasileira, ou da tradução do livro de Heller-Roazen para o português, sempre que essa última se mostrar mais adequada.

ser ditas naquela língua (Canetti, *apud* Heller-Roazen, 2010, p.139).

A única palavra ensinada pelos pais teria sido “Viena”, em alemão. Quando depois de muita insistência a criança percebia que não seria atendida no seu desejo de conhecer mais o alemão, trancava-se no quarto com raiva e se punha a repetir as frases que escutara, prestando toda a atenção ao sotaque justo, como se fossem fórmulas mágicas. Tal empenho se deixa interpretar mais tarde, no relato do autor sobre a aprendizagem do alemão, sobre o que falarei mais adiante. A mudança para a Inglaterra, Manchester, deu início a um verdadeiro périplo. Lingüísticamente, o que vai marcar definitivamente o menino não é tanto o contato com o inglês, mas os efeitos do encontro com o alemão.

Pouco mais de um ano depois de chegarem à Inglaterra o pai de Canetti morre aos 31 anos e acontece nova mudança da família para Viena, mas passando por Londres, Paris e Lausana, onde moram antes da chegada à Viena. A parada a meio caminho do lugar definitivo é narrado em função da experiência que Canetti iria viver ao aprender o alemão sob a direção de sua mãe, que adota um método rígido de ensino: o aluno não podia consultar o livro nem escrever; apenas repetir a frase lida pela mãe; palavra por palavra, frase por frase, repetidas até que ela reconhecesse que a pronúncia estava, pelo menos, passável. Só então ela lhe dizia o sentido da frase (em inglês).

A narrativa desse período poderia se resumir em duas palavras antagônicas: terror e idílio. A mãe o ameaçava de deixá-lo sozinho em Lausana e partir com a família para Viena. Quando se exasperava batia palmas gritando: “Tenho um filho que é idiota! Eu não sabia que um de meus filhos é idiota!”, ou então: “Seu pai sabia alemão, o que diria seu pai, se ouvisse isto!” (Canetti, 1989, p.82). É a governanta inglesa que consegue convencer à jovem mãe - ela tinha nessa época 27 anos - a deixá-lo recorrer aos livros nos intervalos das aulas.

Essa ajuda foi decisiva e, para Canetti, ela não só o fez aprender a língua mais rapidamente, como deu início a um período quase idílico entre mãe e filho, que foi tornando esse território particular dos pais, o seu próprio território e algo como sua pátria. Como Fernando Pessoa, quando afirma: “minha pátria é a língua portuguesa”.

Uma experiência como essa não poderia ser sem conseqüências do ponto de vista lingüístico. De fato, o autor encara esse aprendizado como o de uma

9. Berta Waldman, comunicação pessoal.

“língua materna implantada tardiamente, e sob verdadeira dor” (Canetti, *apud* Heller-Roazen, 2010, p.142). Seria esse comentário motivado pelo fato de a obra de toda a sua vida ter sido escrita em alemão? Ele vai mais longe ao encarar esse período como o que deu sentido à sua vida. A mãe e a língua alemã são até mesmo tomadas “como uma coisa só”, como se lê abaixo.

No entanto, em Lausana, onde ouvia francês à minha volta [...] renasci sob a influência de minha mãe, para a língua alemã, e os espasmos desse nascimento produziram aquela paixão que me ligou a ambas, à língua e à minha mãe. Sem as duas, que são fundamentalmente uma coisa só, o rumo posterior da minha vida teria sido sem sentido e incompreensível (Canetti, *apud* Heller-Roazen, 2010.,p.143).

É preciso ressaltar ainda que o alemão era a língua de cultura dos judeus ashkenazitas e alguns escritores judeus dessa origem a utilizaram. Entretanto, os sefarditas (é o caso da família Canetti) chegaram ao alemão por outra via¹⁰.

Os efeitos do alemão sobre o ladino e o búlgaro, língua(s) materna(s) que acompanharam o seu processo de aquisição de linguagem, foram significativos: segundo Canetti, todas as cenas de seus primeiros anos de vida, que se deram em ladino e em búlgaro, “mais tarde se traduziram, em grande parte, para o alemão” (Canetti, 1989, p.19). Só os fatos mais dramáticos permaneceram gravados em ladino. O narrador dessa passagem, observa Heller-Roazen (2010, p.145), não parece acreditar que seja responsável por isso. Literalmente, não foi ele “que “traduziu” ou “transpôs” (*übersetzt*) suas experiências de um idioma ao outro, mas elas que se “traduziram” a si próprias” [...].

De fato, embora meticuloso na ordenação de suas memórias, Canetti não é capaz de precisar a que momento, em que situação, se deu a tradução. Ela ocorre em algum lugar, por algum motivo oculto, que apenas pode se interpretado.

Freud, em trecho bastante conhecido da carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896, fala a certo ponto do recalçamento e da memória no conjunto da teoria sobre o aparelho psíquico. O material psíquico “presente sob a forma de traços mnêmicos” sofre de tempos em tempos um “rearranjo”, “uma retranscrição”, mas o que é essencialmente novo nessa teoria, segundo ele,

10. Agradeço a Berta Waldman esse esclarecimento.

“é a tese de que a memória não se faz presente só uma vez, e sim ao longo de diversas vezes e que é registrada em vários tipos de indicações” (Freud, *apud* Masson, 1986, p. 208). E continua mais abaixo:

“Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida. Na fronteira entre duas dessas fases é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico. [...] Uma falha na tradução - eis o que acontece clinicamente como “recalcamento”. O motivo disso é sempre a liberação do desprazer que seria gerado por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução” (Freud, *apud* Masson, 1986, p. 209).

Canetti teme estar diante de um enigma, que se explorado metodicamente poderá destruir o que há de mais precioso na sua lembrança. A força dos acontecimentos se conservou intacta e o alimentou por mais de sessenta anos, mas eles estão ligados a palavras que Canetti desconhecia na época. É com cautela que ele se aproxima desse enigma. Teme tirar a experiência de um quadro de lembrança preservada. A palavra inconsciente surge no texto, mas é logo apontada pelo autor como “desgastada”, vazia de sentido. Entretanto, apesar da repulsa pelo termo, ele parece não encontrar outro que retrate com igual intensidade a força de um movimento que se dá a seu desconhecimento, como observa Heller-Roazen na passagem que mencionei acima.

Não é como a tradução literária de um livro, de um idioma para outro; é antes uma tradução espontânea que se produziu no inconsciente, e como costume evitar como a peste esta palavra, cujo uso indiscriminado tornou inócua, espero que me seja relevado o seu uso neste só e único caso. (Canetti, 1989, p.19).

Um último acontecimento relança as questões que percorrem este trabalho. O búlgaro da infância que se traduzira completamente para o alemão, reaparece dessa vez de um modo singular. Mais de vinte anos depois de deixar a Bulgária, Canetti faz uma viagem a Praga e é profundamente tocado pelo encontro com a língua tcheca, que lhe parece falada a golpes de esgrima. Frente à força da impressão que os sons dessa língua lhe causavam, o autor chega à conclusão que de alguma maneira ela lhe lembrava o búlgaro;

justamente a língua da infância que fora esquecida. Ele estava certo de que os dias passados em Praga o remeteram a episódios de momentos diversos da sua vida. Recebia os sons eslavos como fazendo parte de uma língua que lhe era inexplicavelmente próxima, que restaurava a memória de outra, ausente na fala, mas presente pela escuta de seus ecos nessa nova língua de contato.

O mistério é ainda maior quando se reconhece com Heller-Roazen que as afinidades tipológicas entre os dois idiomas eslavos não autorizam em nada a afirmação de que um se deixa reconhecer no outro. O fenômeno é de outra ordem. Pouco importa a língua que se fala e “não importa quantas se possam aprender e esquecer, não há nenhuma que não seja aberta a uma outra”, não há nenhuma que seja totalmente “nativa”. Nesse sentido, “nenhuma língua é verdadeiramente uma “língua materna” nem mesmo a da mãe” (Heller-Roazen, 2010, p.148)¹¹.

O tom provocador dessa última afirmação do autor deve ser lido, a meu ver, a partir do que diz Milner (1978) sobre o traço incomensurável da língua materna, já mencionado há pouco: ela é uma entre outras, mas para certo falante ela é língua materna. Nesse sentido é que toda língua é materna e estrangeira; só a partir da posição do falante ela se define como uma ou como outra.

A poeta Marina Tsvétaieva (2003)¹², em uma carta escrita em alemão e enviada no dia 6 de julho de 1926 ao também poeta Rilke e publicada em um volume que reúne a correspondência entre Marina, Rilke e Pasternak, discorre sobre a relação entre língua materna e poesia.

[...] Escrever poemas, já é traduzir a partir de sua língua materna para uma outra - pouco importa que seja o francês ou o alemão. Nenhuma língua é língua materna. Escrever poemas é traduzir livremente a partir de¹³. Essa é a razão porque não compreendo que se fale de poetas franceses ou russos etc. Um poeta pode escrever em francês; ele não pode ser um poeta francês. Isso é ridículo (Tsvétaieva, 2003, pp. 210-211, minha tradução).

A autora se declara espantada quando a consideram uma poeta russa. Tornar-se poeta é evitar ser francesa ou alemã para ser “tudo”.

11. Os comentários sobre o episódio vivido por Canetti em Praga remetem ao terceiro volume da trilogia, *Das Augenspiel*, não disponível (esgotada?) em tradução brasileira.

12. Nascida na Rússia, mas que não aceitava que a chamassem de “poeta russa”, o que justiça quando se lê o que ela escreveu sobre o tema.

13. « *Écrire des poèmes, c'est écrire d'après* »

Nenhuma língua é em si mesma, por sua natureza, língua materna, como uma língua particular - pouco importa que seja o francês ou o alemão - e o fazer poético está para Tsvétaeïva entre escrita e tradução; por isso escrever poemas é traduzir de sua própria língua materna, como se ela fosse estrangeira.

Libertada de sua condição de língua particular, a língua materna poderia ser concebida, segundo Heller-Roazen, como o idioma em que o poeta compõe sua obra; “elemento no qual cada língua, movida por uma música que ressoa para além de suas fronteiras, traduz a si mesma “por conta própria” e passa “para uma outra, não importa se o francês ou o alemão”¹⁴” (Heller-Roazen, 2010, p. 149).

A função de excesso em cada língua está também presente na reflexão de Milner (1978) sobre a relação entre língua e *lalíngua* (*lalangue*), expressão que o autor toma de Lacan para aproximá-la da função da poesia, incluindo aí o lapso, o chiste, o poético e a língua materna.

O conceito de *lalangue* está associado à aquisição de linguagem, sem que por isso se deva supor que ela anteceda a língua. Na relação entre elas deve-se reconhecer a dimensão da própria língua, que suporta o não-todo da *lalangue*. Uma não existe sem a outra.

Haroldo de Campos ao justificar a recusa da palavra *alíngua* e a escolha de “*lalíngua*” como tradução de *lalangue*, tece uma bela definição do termo.

Ora *lalangue*, pode-se dizer, é o oposto de não-língua, de privação de língua. É antes uma língua enfatizada, uma língua tensionada pela “função poética”, uma língua que “serve a coisas inteiramente diversas da comunicação”¹⁵. Esse idiomateno [...] é “*lalangue dite maternelle*”¹⁶ (*lalíngua dita materna*), não por nada - sublinha Lacan - escrita numa só palavra, já que designa a “ocupação (*l'affaire*) de cada um de nós”¹⁷ [...]

[...] *Lalia*, *lalação*, derivados do grego *lalé*, têm acepções de “fala”, “loquacidade”, e também por via do lat. *La-*

14. As aspas no interior dessa citação se referem a Canetti e Tsvétaïeva, respectivamente.

15. Citando Lacan, com tradução pessoal.

16. Lacan, *apud* Campos (1995).

17. O autor cita ainda Lacan. Dessa vez, porém, sua tradução coincide com a de M. D. Magno em o Seminário 20, *Mais Ainda* (Lacan, 1982, p. 182).

llare, verbo onomatopaico, “cantar para fazer dormir as crianças” (Ernout/Meillet); [...] toda a área semântica que essa aglutinação convoca (e que está no francês *lalangue*, mas se perde em alíngua) corresponde aos propósitos da cunhagem lacaniana [...]. O idiomaterno – Lalíngua – nos “afeta” com “efeitos” que são “afetos” resume Lacan... (Campos, 1995:187-188).

A língua materna é, segundo Milner, a figuração mais direta da *lalangue*, que inclui assim no seu eixo tanto aquilo que nasce do encontro entre o idiomaterno e a lalação do bebê, como o espaço em que se move o poeta, quando a língua se traduz dela mesma, para uma outra, na escrita da poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, G. (2008) *Infância e História. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

CAMPOS, H. (1995) O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan e a escritura). Em: CESARÓTTO, O (Ed), *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras, pp. 187-188.

CANETTI, E. (1989) *A língua absolvida. História de uma juventude*. São Paulo: Companhia das Letras.

DE LEMOS, C.T. (2002) As vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 42, pp 41-69.

HELLER-ROAZEN, D. (2010) *Ecolalias. Sobre o esquecimento das línguas*. Campinas: Editora UNICAMP.

KRISTEVA, J. (1995) En deuil d'une langue. Em: *Revista Autrement* (s/n, s/p). Paris.

LACAN; J. (1982) *Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MASSON, J.M. (1986) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess-1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

MEHLER, J., ARGENTIERI, S. e J. CANESTRI. (1994) *La Babel de l'inconscient. Langue maternelle, langues étrangères et psychanalyse*. Paris : PUF.

MELMAN, C. (1992) *Imigrantes. Incidências subjetivas das mudanças de línguas e país*. São Paulo: Escuta.

MILNER, J.C. (1978) *L'amour de la langue*. Paris : Seuil.

PAYER, O. (2006) *Memória da língua. Imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. (2006) Sobre o (im) possível esquecimento da língua materna. Em: LIER-DE VITTO, F. e L. ARANTES (Eds), *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: FAPESP e Editora PucSP, pp. 135-148.

RILKE, R.M.A. PASTERNAK, B. E TSVÉTAÏEVA (2003) *Correspondance à trois. Été 1926*. Paris: Gallimard, reedição, coleção Imaginaire.

SAUSSURE, F. (2008) *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix ([1916]).